

A PALAVRA COMO ARMA: UMA POLÊMICA NA IMPRENSA OPERÁRIA PORTO-ALEGRENSE EM 1907*

*Benito Bisso Schmidt***

RESUMO: O artigo analisa uma polêmica ocorrida em 1907 entre representantes das duas principais correntes que disputavam a liderança do movimento operário porto-alegrense: os socialistas, liderados por Francisco Xavier da Costa, e os anarquistas, encabeçados por Stefan Michalski e José Rey Gil. Busca-se examinar os argumentos utilizados por cada lado para construir-se como o "pólo positivo" da disputa e para desqualificar os opositores.

PALAVRAS-CHAVE: : Socialistas – Anarquistas – Polêmicas.

*“Arda de raiva contra mim a intriga,
morra de dor a inveja insaciável;
destile seu veneno detestável
a vil calúnia, pérfida, inimiga”.*

Junqueira Freire

Quem folheia jornais brasileiros das últimas décadas do século passado e primeiras desse já deve ter notado o grande número de páginas dedicadas às polêmicas sobre os mais diversos assuntos: dos rumos da nascente República à existência ou não de Deus. Como diz MORAIS (1995, p. 60),

* Agradeço a Claudio Batalha (UNICAMP), Claudio Elmir (UNISINOS) e Margareth Rago (UNICAMP), que leram e comentaram versões anteriores deste artigo.

** Professor do Departamento de História da UFRGS. Doutorando em História Social do Trabalho na UNICAMP.

“a moda na imprensa brasileira na virada do século não era a notícia, mas a polêmica. (...) o Brasil alfabetizado se emocionou, como nas lutas de boxe, com disputas memoráveis como ‘Carlos de Laet contra Camilo Castelo Branco’, ‘Júlio Ribeiro contra o padre Sena Freitas’ ou ‘Hemetério José dos Santos contra Machado de Assis’”

Alguns autores já analisaram estes debates nos campos da história intelectual e literária. VENTURA (1991), por exemplo, em *Estilo Tropical*, investigou o ambiente cultural do Recife e do Rio de Janeiro, tomando como fio condutor as polêmicas do crítico e historiador Sílvio Romero com seus contemporâneos entre 1870 e 1914. Já SÜSSEKIND (1985), em *Literatura e vida literária*, abordou um período bem mais recente, o do final da ditadura militar brasileira, a fim de mostrar que, naquele contexto de fechamento político, as polêmicas constituíam um dos motores da vida cultural do país. Porém, ao menos no que me consta, tais “duelos” ainda não foram tratados mais detidamente pela historiografia do movimento operário. Isso não deixa de ser surpreendente, já que as discussões entre militantes das mais diversas tendências eram freqüentes na imprensa operária, servindo como indicadoras importantes de posições político-ideológicas e de disputas pela liderança.

No presente artigo, quero avançar um pouco nesta discussão, examinando uma polêmica específica: aquela travada em Porto Alegre, no ano de 1907, entre o líder socialista Francisco Xavier da Costa, redator do jornal *A Democracia*, juntamente com seus aliados, e os anarquistas agrupados em torno do periódico *A Luta*, especialmente José Rey Gil e Stefan Michalski. Este debate foi escolhido pois expressa um momento de exacerbação do conflito entre socialistas e anarquistas pela direção do movimento operário porto-alegrense, sobretudo após a fundação da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) em 1906, que culminará com a vitória dos anarquistas em 1910/11, quando assumem a direção da entidade.

A fim de tornar mais clara a exposição, dividi o texto em duas partes. Na primeira, busco situar sinteticamente o contexto no qual se deu a polêmica - o movimento operário porto-alegrense -, bem como apresentar seus principais protagonistas, visando fornecer algumas informações necessárias para uma melhor compreensão do debate. A seguir, analiso elementos da estrutura discursiva dos artigos polêmicos, em especial os argumentos invocados e as imagens utilizadas pelos contendores. De forma geral, pretendo mostrar que a palavra escrita foi uma arma fundamental nas disputas travadas pelas lideranças do movimento operário gaúcho na I República.

1 - A arena e os principais contendores

Um dos primeiros artigos da polêmica abordada neste trabalho, publicado em 22 de fevereiro de 1907 e intitulado “Os farsantes”, inicia da seguinte forma:

“Enquanto os governos forjam leis de repressão e assalariam a imprensa, para por todos os meios nos combater, procurando impedir a divulgação das nossas idéias entre o operariado, surgem de todos os lados intruções políticas e com o menor escrúpulo aproveitam covardemente a onda, para serem unânimes com seus ‘colegas’, em fazer circular a nosso respeito as calúnias mais infames e aviltantes, procurando assim atrair sobre nós, toda sorte de perseguições e o ódio dos ignorantes.

Desses democratas, pseudo-socialistas mesmo, existe um grupo em Porto Alegre que a mais de quinze anos, serve de empecilho a toda e qualquer propaganda ou movimento operário que não tenha por fim exclusivo e único dar pasto à sua estulta vaidade e desmesurada ambição”¹.

¹ A polêmica a ser analisada estendeu-se, pelo menos, de 14/02/1907 a 15/04/1907, através dos seguintes artigos: A DEMOCRACIA, 14/02/1907: “Vária” (p. 3); A LUTA, 22/02/1907: “Um conhecido” (pp. 2-3) e “Os farsantes” (p. 3); A DEMOCRACIA, 28/02/1907: “Pelo dever” (p. 1), “Os dinamitistas” (pp. 1-2), “Prova cabal” (p. 2), “Mais uma dos Muckers” (pp. 2-3), “Vária” (p. 3) e “Os dois gênios diretores da propaganda anarquista em Porto Alegre” (p. 4); A LUTA, 02/03/1907: “A fúria do bonzo” (p. 3), “A F. Xavier da Costa” (pp. 3-4), “O xefe” (p. 4) e “Ao Xavier da Costa” (p. 4); A DEMOCRACIA, 10/03/1907: “Quem é e como procede o anarquista Adão Pesce” (p. 2), “Uma carta” (p. 2) e “O Yago e os demais da latrinaria A Luta” (p. 4); A LUTA, 15/03/1907: Uma explicação” (p. 2), “De tudo e de todos - operário fitzmack” (pp. 2-3), “Variações do bonzo” (p. 4) e “Hipócrito e mentiroso” (p. 4); A DEMOCRACIA, 17/03/1907: “Crônica” (p. 2), “A sessão da União dos Trabalhadores em Madeira” (p. 3) e “Pelo dever - A propaganda dos anarquistas em P. Alegre (III)” (p. 4); A DEMOCRACIA, 24/03/1907: “Ameaças de anarquista” (p. 3) e

Estas duras palavras foram escritas pelo militante anarquista Stefan Michalski e tinham como alvo o líder socialista Francisco Xavier da Costa. As trajetórias destes dois personagens podem servir como eixos para uma sucinta apresentação da história do movimento operário porto-alegrense até o momento da eclosão da polêmica.

Costa (1871-1934) é considerado o mais importante líder do movimento operário em seu período de organização na capital gaúcha (ver, por exemplo, MARÇAL, 1996 e PETERSEN, s/d e 1998). Segundo a descrição de PETERSEN (s/d: 18),

“foi orador em comícios, conferencista em inúmeros eventos, colaborador de vários jornais porto-alegrenses, poeta, teórico social, e esteve envolvido em todas as iniciativas dos social-democratas no sentido de organizar os operários em associações e de fundar um partido socialista”².

O militante foi um dos fundadores da Liga Operária Internacional (1895) e do Partido Socialista do Rio Grande do Sul (1897), e organizador do 1^o Congresso Operário do Rio Grande do Sul. Este Congresso reuniu, em janeiro de 1898, militantes de diversas localidades do Estado e da capital para discutir linhas de ação comuns para a classe operária gaúcha frente à exploração da burguesia. Foi a partir de sua realização que ocorreram as primeiras polêmicas de Costa com outros militantes.

Em virtude do grande atraso na divulgação das deliberações do Congresso, Antônio Guedes Coutinho, militante socialista que representou a Sociedade União Operária de Rio Grande no evento, censurou o procedimento do *Comitê Executivo da Federação Operária Rio-grandense*, presidido por Costa. Seguiu-se então uma áspera polêmica entre os dois socialistas. O líder porto-alegrense chegou a chamar seu opositor de

“(...) garoto malcriado, macaqueando jornalista sério, (...) num papelucho publicado na cidade do Rio Grande sob o mentiroso título de ‘Echo Operário’, papelucho esse que (...) só serve para desorientar e desunir cada vez mais a parte do proletariado rio-grandense que o lê, e comprometê-lo em face da sociedade em geral” (GAZETINHA, 01/11/1898, p. 2.)³.

No mesmo período, outra polêmica levou à cisão dos socialistas agrupados na Liga Operária Internacional, com repercussões em outras entidades do interior do Estado. Esta opôs Costa e seus aliados ao grupo formado por Pedro Tácito Pires, João Tolentino de Souza e José Rey Gil⁴. Costa abandonou a Liga e, alguns meses depois, publicou o seguinte comentário sobre seus opositores:

“quando rompi com a troça de especuladores que aproveitando-se de minha ausência da Liga Operária Internacional transformaram esta infeliz associação em campo de bandalheiras de compadrescos para iludir os operários, eu já sabia que aquela corja era bem capaz de recorrer a todos os meios para anular o efeito da propaganda que eu encetei contra eles” (GAZETINHA, 03/04/1899, p. 2).

Estas citações já mostram o tom violento que caracterizava os textos polêmicos de Xavier da Costa. Além disso, deve-se notar que suas primeiras discussões se deram sobretudo com os próprios socialistas, devido a desentendimentos quanto à condução e organização do movimento, além de uma boa dose de personalismo e vaidade.

Continuando a apresentação de Costa, este participou em 1905 da fundação do jornal *A Democracia*, órgão do Partido Operário Rio-Grandense então criado. Neste periódico

“Ainda o hebreu J. R. Gil - o Yago” (p. 4); *A DEMOCRACIA*, 31/03/1907: “O anarquismo” (pp. 1-2); *A LUTA*, 03/04/1907: “Uma explicação” (p. 2), “Mais uma do Costa” (p. 3) e “O bonzo socialista” (p. 4); *A DEMOCRACIA*, 07/04/1907: “O Yago J. R. Gil” (p. 4) e *A LUTA*, 15/04/1907: “A propósito do neo-malthusianismo” (p. 1), “Respostas ao bonzo” (p. 2) e “Infâmias do bonzo” (p. 4). De agora em diante, estes artigos serão indicados por seu título no corpo do texto. Para facilitar a compreensão, as citações documentais tiveram sua grafia atualizada.

² Ver também MARÇAL, 1996.

³ Abordei brevemente esta polêmica em minha dissertação de mestrado (SCHMIDT, 1996, p. 192-4).

⁴ Gil será um dos principais opositores de Costa em 1907. A melhor descrição de sua trajetória nos é fornecida por ele próprio no decorrer da referida polêmica e será apresentada posteriormente.

também colaborava Carlos Cavaco, outro líder socialista de atuação destacada no período⁵. No ano seguinte, ambos participaram ativamente da primeira greve geral do Estado, pelas oito horas de trabalho, a qual paralisou mais de 3.000 operários da capital. Para diversas categorias, o movimento encerrou-se com a aceitação da proposta da jornada de nove horas, negociada por uma comissão dos grevistas, liderada por Costa e Cavaco, e por Alberto Bins, líder industrial, apesar da oposição dos anarquistas. Durante a greve foi fundada a FORGS, presidida pelo referido militante, criando-se também o Clube da Imprensa Operária, o qual passou a editar o *A Democracia*, que havia deixado de circular por vários meses⁶.

Portanto, quando o ano de 1907 se inicia, e com ele a polêmica que será objeto de minha análise, o grupo social-democrata liderado por Costa desde o final do século XIX continuava a ter um peso importante no interior do movimento operário porto-alegrense⁷. Porém, já há alguns anos, tinha que dividir espaço com os anarquistas, como o citado Stefan Michalski.

Michalski (1885-1957) nasceu em Cracóvia na Polônia (então sob dominação russa) e chegou a Porto Alegre em 1890. De acordo com MARÇAL (1995, p. 23-4), era *“oriundo de família operária, no começo da vida foi vendedor de jornal, mantendo os primeiros contatos com militantes anarquistas, ideologia que abraçou ainda moço. Aprendendo a profissão de marmorista, virou militante da classe operária (...)”*. Posteriormente, aprendeu e dedicou-se ao ofício de alfaiate.

Embora existam indícios da presença anarquista na capital gaúcha desde o final do século XIX - inclusive com a participação de um grupo denominado *Libertários* no já referido Congresso de 1898 -, pode-se tomar o ano de 1906 como marco a partir do qual sua influência no movimento operário porto-alegrense tornou-se mais significativa⁸. Segundo ARAVANIS (1997, p. 11), é possível considerar os anos 1906/7

“(...) como de amadurecimento das experiências anarquistas (...), já que então os ativistas libertários passam a dispor de um veículo próprio e constante de divulgação e debate de seu ideário: o periódico ‘A Luta’. O jornal assinala o início do período, quando, pode-se dizer, os anarquistas saem de seu anonimato e passam a marcar de forma visível sua presença no contexto político da época”.

Entre os principais redatores do *A Luta* estavam Michalski e o já citado José Rey Gil, dirigentes do Sindicato dos Marmoristas. Estes militantes também participaram, ainda em 1906, da criação da escola Eliseu Reclus, cuja clientela era formada basicamente por marmoristas, embora estivesse aberta a todas as categorias profissionais. No mesmo ano, Michalski foi um dos dirigentes da greve geral.

De acordo com MARÇAL (1995, p. 123-4), o referido militante era também *“esperantista, um dos fundadores da ‘Esperanta Societa Sud Rio-Granda’, em 1906, tendo deixado vários textos de defesa da língua internacional como forma de divulgação do internacionalismo proletário. Em 1907 foi dirigente da União Operária Internacional”*.

⁵ Custódio Carlos de Araújo - *“Cavaco”* - (1878-1961) nasceu em Santana do Livramento, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, e transferiu-se em 1904 para Porto Alegre. Exerceu diversas atividades profissionais: foi advogado, literato, jornalista, ator e professor. Durante a greve de 1906 destacou-se como orador. Sobre o personagem ver CAGGIANI, 1986.

⁶ Sobre o jornal e a greve ver: JARDIM, 1990, p. 73-77; PETERSEN, 1989: 30-33 e PETERSEN e LUCAS, 1992, p. 145.

⁷ Segundo PETERSEN (1998: 49), nos anos 1906/7, *“Francisco Xavier da Costa continuava, sem dúvida, como o principal líder socialista, mas não é possível avaliar com mais rigor seu peso no movimento operário. Embora apareça na frente das principais iniciativas dos socialistas e quase como uma eminência, à qual se atribuía toda a sorte de distinções e homenagens, não se pode esquecer que sua visibilidade também podia creditar-se ao fato de que era um inteligente tipógrafo, educado pelos social-democratas alemães e que tinha uma longa trajetória em diferentes órgãos da imprensa ‘popular’ de Porto Alegre, dirigindo então o principal jornal socialista, ‘A Democracia’. Assim, é preciso levar em conta esta circunstância e pensar o quanto realmente sua liderança transcendia ao grupo de militantes e entidades que gravitavam em seu redor”*.

⁸ É importante ressaltar que, no âmbito nacional, o ano de 1906 também foi bastante significativo para o movimento operário: em abril realizou-se o 1º Congresso Operário Brasileiro, o qual não contou com representantes do Rio Grande do Sul, sendo enviado apenas um ofício de adesão e solidariedade da União Operária do Rio Grande do Sul. Na ocasião foi fundada a Confederação Operária Brasileira, de orientação libertária, que terá um papel importante na ampliação da esfera de influência dos anarquistas.

Por estes indícios, é possível afirmar que, em 1907, os anarquistas já ocupavam um espaço importante no movimento operário local, divulgando suas idéias através da imprensa e do ensino, dirigindo categorias como a dos marmoristas e atuando de forma destacada na greve de 1906. Deve-se salientar também que, como afirma PETERSEN (1998, p. 46), nesta conjuntura, “(...) é muito difícil estabelecer o peso relativo dos socialistas e anarquistas (...)”, até porque “em alguns momentos, a polêmica é acirrada e, em outros, parece haver concordância de pontos de vista entre eles”. Uma das causas apontadas pela autora para este fato é o caráter difuso que tanto o socialismo como o anarquismo assumiram em nosso meio, permitindo que suas diversas tendências se interpenetrassem. Além disso, de acordo com SILVA JR. (1996, p. 12-3), a idéia da necessidade de neutralidade política dos sindicatos era comum aos anarquistas e parcelas dos socialistas. Assim, embora, como veremos, a disputa entre estes grupos fosse acirrada, é possível encontrar “*mesclas*” ideológicas e, até mesmo, momentos esparsos de solidariedade entre eles.

Estas informações já me parecem suficientes para uma melhor compreensão da arena na qual foi travada a polêmica a ser analisada: o movimento operário porto-alegrense de 1907. Neste momento, ambos os contendores - socialistas e anarquistas-, já estavam de posse de suas armas - as páginas dos jornais *A Democracia* e *A Luta* - para iniciar a disputa pelos corações, mentes e organizações do operariado local. Ao duelo, pois!

2 - O duelo e suas armas

Nos meses que se seguiram às agitações operárias de 1906, instalou-se um clima de repressão aos operários “*subversivos*”, tanto em nível nacional como local. O *A Luta*, por exemplo, denunciava a apresentação ao Parlamento de um projeto de lei de expulsão dos estrangeiros que, segundo o articulista, teria como verdadeiro objetivo “(...) *perseguir (...) os trabalhadores estrangeiros que aqui residem e que têm o desaforo de não estarem conformados com a ‘beleza’ e ‘harmonia’ da sociedade burguesa*” (A LUTA, 17/01/1907, p. 1). Em Porto Alegre, mais especificamente, apesar do acordo do patronato com os trabalhadores em torno da jornada de 9 horas, também verificaram-se perseguições como estas descritas pelo mesmo jornal:

“No próprio dia designado para a volta ao trabalho, os donos de casa fizeram a sua seleção, despedindo os operários e operárias que já haviam sido postos no index patronal.

Na fábrica de meias, deixaram de trabalhar grande número de operários por quererem os patrões só lhe dar serviço depois que cada um dos ex-grevistas pessoalmente fosse pedir, por favor, para voltarem à fábrica (...).

Na fábrica Fiação e Tecidos, um dos diretores se colocou à porta da entrada, apontando os que podiam continuar e os que deviam ser despedidos” (A LUTA, 28/10/1906, p. 2).

O *A Democracia* também noticiou a situação de penúria do operário anarquista Antônio Nalepinski que, por ter assumido “*posição saliente no último movimento da classe aqui*”, atraiu “*contra si os ódios mesquinhos de certos burgueses que, para se desferrarem dele, armaram-lhe uma espécie de boicotagem*”. Sem conseguir emprego, dirigiu-se para Pelotas e Rio Grande, encontrando finalmente uma ocupação na Capital Federal. Advertia porém o jornal: “*logo que conseguir reunir algumas economias, o valoroso e leal Nalepinski voltará a Porto Alegre e então terá modos de colocar-se ao abrigo das perseguições de burgueses relapsos de quem é o terror*” (A DEMOCRACIA, 15/12/1906, p. 3). Esta referência ilustra perfeitamente o que antes chamei de “*momentos esparsos de solidariedade*” entre socialistas e anarquistas.

Foi neste quadro tenso que eclodiu a polêmica analisada. O estopim do atrito parece ter sido o boato que, segundo o *A Democracia*, os editores do *A Luta* espalharam: Xavier da Costa e Carlos Cavaco teriam denunciado o referido Nalepinski e outros anarquistas à polícia (“Os dois gênios diretores da propaganda anarquista em Porto Alegre”). No artigo “Um conhecido”, José Rey Gil nega a acusação, dizendo que ele, Stefan Michalski e “*outros que não citou os nomes*” não são “*caluniadores e boateiros*”, e afirma: “*nós ignoramos por completo o que possa ser. A consciência não nos acusa de coisa alguma que possa prejudicar a alguém. E por isso declaramos ser falsa tal imputação*”.

Não deixa porém de destilar um certo “veneno” contra seus opositores:

“como se vê, o ‘canard’ (...) espalhado deverá ser mui grande e de graves conseqüências (...), e talvez tenha alguns visos de verdade, motivo porque o autor ou autores arrependidos de o ter feito circular não o esmiuquem no órgão, até em seus mais pequenos pormenores, a fim de não deixar transparecer suspeitas”.

Acompanhando-se o desenrolar da polêmica, é possível perceber que este incidente inicial foi apenas o detonador de um conflito bem maior, tanto que o boato acabou não sendo mais mencionado na maior parte dos artigos posteriores. Na verdade, a troca de acusações que se seguiu envolvia uma ampla gama de divergências pessoais e/ou ideológicas e de disputas pela liderança no interior do movimento operário porto-alegrense. Buscarei, agora, analisar os argumentos usados pelos contendores para atacar a reputação dos adversários, fortalecendo a sua própria. Para tanto, parto da seguinte definição de polêmica apresentada por HARDMAN (in VENTURA, 1991: “orelha” - grifos meus): “(...) um gênero literário que combina a novidade do **espaço público**, valores tradicionais como **honra e duelo**, e boa dose de **personalismo** (...)”.

No que tange ao **espaço público**, pode-se compreendê-lo a partir de um dos significados atribuídos ao termo desde o século XVIII: “‘público’ veio a significar uma vida que se passa fora da vida da família e dos amigos íntimos; na região pública, grupos sociais complexos e díspares teriam que entrar em contato inelutavelmente” (SENNET, 1989, p. 32). O desenvolvimento das cidades trouxe consigo a necessidade de estar em público, ou seja, de contatos constantes com estranhos, o que exigia o estabelecimento de regras e códigos de convivência diferentes do mundo rural, onde virtualmente “*todos se conhecem*”. Ora, na Porto Alegre da primeira década do século, ainda no início de seu processo de modernização, o espaço público era realmente uma novidade, não existindo regras claras para seu funcionamento. Segundo PETERSEN (1998, p. 41), isso ajuda a explicar “o tom violento e insultuoso” das polêmicas mantidas através de órgãos da imprensa operária:

“(...) o que se verifica é uma extensão do privado sobre o público. Circunstâncias de suas [dos militantes] vidas particulares, traços de caráter, aspecto físico, etc., etc., eram trazidos para o xingatório. Afinal, o círculo de leitores destes jornais era limitado, praticamente todos se conheciam, os jornalistas/operários eram os interlocutores das acusações mútuas”⁹.

Um exemplo deste fato: no decorrer da polêmica, segundo Gil, Costa teria posto em dúvida a dedicação e o desvelo dispensados pelo primeiro à sua falecida esposa. Ou seja, um elemento da vida privada foi usado como arma no duelo, gerando muita indignação por parte do ofendido, que acusou Costa de “(...) *descer ao lodaçal das maiores infâmias*” (“Hipócrita e mentiroso”).

Na polêmica, articulados com a dimensão do público, têm-se os **valores da honra e do duelo**. De acordo com RIBEIRO (1990, p. 43 e 70), a honra é uma “(...) *avaliação pública do respeito que um homem merece e, por isso, valor que ele deve defender a todo o custo*”. A honra se caracteriza, portanto, por sua visibilidade e está ligada à aparência: “(...) *a reputação de um homem se constrói com base apenas no que se mostra de seus atos e qualidades*”. Da mesma forma, os ataques à honra também precisam ser públicos, aparentes, como aqueles desferidos pelas páginas dos jornais. Na sociedade do Antigo Regime, estudada por Ribeiro, o duelo era uma fonte ilimitada de honra para os nobres pois “*a morte pela arma é uma boa via para a imortalidade, algo pagã, da honra*”. Em uma sociedade “*desarmada*” como a nossa, em que o monopólio da violência pertence ao Estado, os duelos podem se transformar em

⁹ Este tom violento não é peculiar aos militantes operários de Porto Alegre, estando presente em outras regiões do país como, por exemplo, no Rio de Janeiro dos anos 1910 e 1920. Por exemplo: no início da década de 20, Astrogildo Pereira - militante anarquista desde aproximadamente 1912, posteriormente elemento responsável pela auto-crítica acerca da atuação do movimento operário (1918-19) e um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro em 1922 -, chamou Alcides Rosa e Antônio Correia da Silva, do Grupo *Clarté* do Rio de Janeiro, de “*chefetes e pastranos*” que haviam “*descido à ignomínia*”. Augusto Leite, do mesmo grupo, foi por ele considerado “*um verdadeiro patife. Patife e burro*”. Já José Pereira de Oliveira (“*vulgo Zé Doutor*”), segundo Astrogildo, “*sempre foi, na classe dos tecelões, um elemento de tumulto, confusão e intriga*” (apud FERNANDES, 1989: v. II, p. 210-11).

polêmicas, e, ao invés do sangue, muita tinta é derramada¹⁰. Porém, o objeto da disputa continua sendo o mesmo: a honra. Não é a toa que, ainda no final do século passado, Costa considerava a honra como “(...) coisa que eu prezo mais do que a própria vida” (GAZETINHA, 01/11/1898 apud SILVA JR., 1998, p. 132).

Na polêmica em questão, os ataques à honra são muito mais freqüentes do que os debates político-ideológicos. Em um dos artigos, por exemplo, Costa ataca a reputação de Gil, mesclando questões públicas e privadas, com o fim de salientar o oportunismo do anarquista. Este teria fingido chorar no enterro da esposa e havia batizado seu filho em uma Igreja Católica somente para agradar ao próprio pai, cuja morte esperava ansioso visando herdar algum dinheiro. Diz ainda que Gil defendeu, “*de arma no ombro*”, o governo castilhistas (referência a Júlio de Castilhos, primeiro presidente do estado) em Pelotas e, em Porto Alegre, tornou-se cassalista (referência a Barros Cassal, membro da ala republicana que rompeu com o castilhismo em 1890), depois “*socialista legalitário*”, quando dizia “*horrores*” dos libertários, e agora “*blasona de anarquista*” (“O Yago e os demais da latrinaria A Luta”).

Para defender-se, Gil utilizou um recurso bastante comum neste gênero de conflito: expôs sua trajetória pessoal como forma de demonstrar um passado honroso. Cito, então, seu longo depoimento autobiográfico, que possibilita também um maior conhecimento do personagem.

“Tendo sido educado nos princípios do catolicismo, a ele me conservei fiel em parte, até a idade de 15 anos. Daí por diante fui um extremado livre pensador, entrei na maçonaria que logo abandonei por estar em desacordo com o meu modo de pensar e hoje sou materialista.

E foi esta a minha evolução no terreno religioso.

Agora quanto ao terreno político, fui nos meus verdes anos, em Pelotas, um republicano entusiasta e um dos fundadores nessa cidade do Club Republicano Internacional; fiz também parte do Club Nagô, associação que lutava pela extinção do elemento servil. Pertenci à Guarda da República, criada espontaneamente num momento de entusiasmo, quando se temia a volta da monarquia.

Não fui castilhista nem cassalista como o sr. Costa mentirosamente assevera. Era republicano sem compromisso com facção alguma.

Nunca me qualifiquei para ser eleitor, porque naquele tempo já combatia os ídolos e entendia que a força de um sistema político e social, como me parecia ser o republicano, não estava nos votos interesseiros e mentirosos das urnas mas sim na consciência popular.

De Pelotas vim a Porto Alegre, já desvanecido da supremacia do ideal porque até então lutava. A república burguesa não satisfazia mais as minhas aspirações de Justiça e Igualdade que tanto ansiava. Da leitura de alguns livros e folhetos de propaganda socialista optei entusiasticamente por outro regime mais livre, mais em harmonia com as necessidades do homem moderno. E a princípio adotei os rudimentares princípios do socialismo, o socialismo autoritário, e sem descansar continuei na marcha ascendente e progressiva para o ideal.

Hoje, e isto já faz oito anos, sou socialista revolucionário, libertário ou anarquista.

Foi esta a minha evolução que tão falsamente o sr. Xavier da Costa tenta desvirtuar e que o proletariado de Porto Alegre conhece bem, durante os doze anos que com ele luto”.

¹⁰ Segundo CHARTIER (1994, p. 108), “(...) o recuo da violência que caracteriza as sociedades ocidentais entre a Idade Média e o século XVIII e que decorre do confisco pelo Estado do monopólio sobre o emprego legítimo da força faz com que os enfrentamentos sociais baseados nas confrontações diretas, brutais, sangrentas, cedam cada vez mais lugar a lutas que têm por armas e por objetos as representações”.

Em alguns casos, sobretudo nas polêmicas envolvendo literatos, tinta e sangue podiam se misturar. Olavo Bilac, por exemplo, duelou com Pardal Mallet, em 1889, por questões literárias, e quase se bateu à espada com Raul Pompéia (VENTURA, 1991: p. 144). Não tenho notícias de episódios semelhantes envolvendo militantes operários. Assim, no presente artigo, estou usando a palavra duelo no sentido figurado, embora, no decorrer da polêmica de 1907, algumas ameaças de violência física tenham vindo à tona. Por exemplo, o militante socialista Carlos Macchi avisou Costa que o anarquista Augusto Schimmelpfening planejava agredi-lo fisicamente. Costa respondeu com um tom ameaçador: “*nem sempre o tigre dá o salto com segurança; procure, pois, não errar o golpe, porque se não suceder assim...*” (“Ameaças de anarquista”). A agressão parece não ter se efetivado ou, pelo menos, não foi noticiada pelos jornais, sendo provavelmente mais um elemento da boataria que cercou a polêmica. Contudo, fica claro que a possibilidade de confronto físico não era de todo inexistente naquele contexto.

Com estas palavras, o autor procurava ressaltar a coerência de sua trajetória, em contraposição ao passado de Costa, “(...) *tão cheio de retrocessos criminosos e estudadas conveniências*” (“Hipócrita e mentiroso”). Aliás, uma das acusações mais freqüentes feitas pelos anarquistas ao redator do *A Democracia* refere-se às oscilações de sua biografia, seu oportunismo que o levava a transitar por vários ambientes políticos e sociais aparentemente incompatíveis entre si, sempre em busca de ganhos pessoais. Alguns exemplos:

“Tipo que a tudo se tem prestado uma vez que do seu amoldamento a qualquer idéia lhe resulte vantagem para sua sede de renome, desde seu aparecimento nos meios operários tem levado uma vida de intrigas e de engrossamentos baixos, fazendo escalas por todos os partidos, procurando tão somente suas conveniências pessoais.

Bateu em todas as portas. Pertenceu à maçonaria, onde ‘deu letra’ como orador de frases empoladas, é irmão da confraria do Rosário, onde chegou a ocupar o alto cargo de ‘definidor de dogmas’. Perambulou pelos jornais burgueses, fazendo uso da mesma linguagem jornalística de engrossamento aos políticos e aos ‘honrados negociantes desta praça’, etc.” (“A fúria do bonzo”).

Em outro artigo, significativamente intitulado “Variações do bonzo”, Gil afirma que, sete anos antes, Costa havia dado apoio aos anarquistas, usando como prova trechos de um artigo publicado pelo socialista no *Correio do Povo*, no qual este fala de “(...) *homens notáveis de caráter limpo e bons costumes, que foram e são anarquistas (...)*”.

Costa não deixou por menos e respondeu na mesma moeda, ou seja, desqualificou a biografia de seu opositor: em “O Yago e os demais da latrinaria Luta”, reescreveu o artigo “A fúria do bonzo”, substituindo seu nome pelo de Gil, para mostrar que as acusações contra ele proferidas ajustavam-se, na verdade, à trajetória do anarquista. Já em “O Yago José Rey Gil”, fez a seguinte exortação:

“(...) aviva, em tua memória, a lembrança de todos os atos que tens praticado e cinicamente negas! Pensa em todas as fases da tua vida, nas intrigas que hás orgicado, na tua hipocrisia indescritível, em todas as indignidades de que tens feito os liames de tuas mutações de caráter; reflete, ó infeliz, recorda-te do quanto tens sido ingrato, invejoso, perverso, caluniador; recorda-te de que só tens praticado o mal, - porque isto talvez te provoque lágrimas, e as lágrimas causadas pelo reconhecimento da culpa redimem também!”.

Portanto, as acusações de incoerência - “*amoldamento a qualquer idéia*” no caso de Costa e “*mutações de caráter*” no de Gil - eram uma arma bastante eficaz nos combates entre militantes operários. Isso porque, como bem salienta Silva Jr. (1998, p. 130),

“no movimento operário (...) a construção da honra é tarefa diária: é tanto uma construção perante os ‘opressores’ quanto uma construção perante os trabalhadores não organizados. Nesse sentido, ‘honra’ não é, para o movimento operário, algo que se tem, mas algo que se exerce e, em função desse exercício, se pode ganhar ou perder esses bem”.

Se a honra operária não é um bem que se herda ou se compra, mas que se exerce, só o resgate da trajetória de vida do militante poderia comprovar sua dedicação constante (“*sem descansar*”, como diz Gil) à causa do proletariado, sua capacidade de livrar-se das tentações e engodos da burguesia, sua evolução, enfim, no cumprimento da missão histórica que lhe está destinada (a “*marcha ascendente e progressiva para o ideal*”).

Na definição de polêmica de Foot Hardman, um terceiro elemento - além do espaço público e da honra - também é significativo: o **personalismo**. Porém, no caso das disputas entre lideranças operárias, este se constitui em uma faca de dois gumes: por um lado, é claro que tais militantes procuravam projetar-se no espaço público ou, pelo menos, resguardar suas reputações individuais; contudo, em um movimento que se forja como coletivo, a prepotência é

encarada como um vício e a modéstia como uma grande virtude. Assim, deve-se levar em conta a

“(...) desconfiança causada quando o personagem assume a tarefa de defender a própria honra”. Além disso, nas disputas de honra operária, “elogiar não é incorreto (...) mas sim o auto-elogio perante ataques de inferiores, porque um nível de honra superior é imune a ataques provenientes de menos honrados” (Idem, ibidem, p. 134).

Para resolver esta contradição, uma saída foi delegar a outros companheiros a tarefa de defesa. Assim, o *A Democracia* publicou cartas de José e Carlos Macchi dirigidas a Costa, onde aqueles acusam Gil - chamado de *“asa negra das sociedades operárias”* e *“miserável e incorrigível vigarista”* - de fomentar intrigas na União Operária Internacional e na União dos Trabalhadores em Madeira (*“Pelo dever”* e *“Uma carta”*). Também foram noticiadas a homenagem prestada a Costa pela União dos Pedreiros, *“como resposta aos invejosos seus caluniadores”*, e as acusações aos anarquistas porto-alegrenses feitas pelos jornais *Deutsche Zeitung* e *O Operário*, este último de Cedro, Minas Gerais (*“Varia”* e *“Mais uma dos Muckers”*). Da mesma forma, o *A Luta* publicou dois *“a pedido”*, assinados por Mariano Carbonell, denunciando as artimanhas de Costa e dos irmãos Macchi para criar desavenças entre os operários (os dois artigos intitulam-se *“Uma explicação”*). O jornal anarquista também informou haver recebido apoio dos periódicos *Battaglia* e *Terra Livre*, do centro do país, na disputa com os socialistas (*“Respostas ao bonzo”*). Estes contendores *“coadjuvantes”* tinham o papel de atestar a honra dos *“protagonistas”* aliados e auxiliar na desqualificação dos adversários. Porém, na maior parte das vezes, os artigos, assinados ou não, eram de autoria dos próprios duelistas, já que estes também atuavam como redatores dos jornais.

Analisando-se estes textos polêmicos, percebe-se que o recurso discursivo mais comum é a confrontação das características dos antagonistas, onde um pólo é construído como virtuoso e o outro como vicioso. Como diz SILVA JR. (Idem, ibidem, p. 133), a honra operária *“(...) não é algo que se tem privadamente, mas algo que só faz sentido quando confrontada com a honra alheia, seja em comparações, seja em disputas”*. Assim, por exemplo, Gil afirma que Costa *“anima a intriga dentro das associações operárias”*, enquanto que os anarquistas pautam-se pela transparência: *“quanto a nós, nunca fugimos à responsabilidade dos nossos atos (...) nunca nos acobertamos com a capa covarde do anonimato para ferir traiçoeiramente a quem quer que seja”* (*“Um conhecido”*). Outro contraste estabelecido discursivamente diz respeito ao estilo político do líder socialista e o dos anarquistas: Costa é constantemente acusado de *“chefismo”*, de ter *“sede de renome”* e *“ambições de mando”*, o que expressaria seu personalismo e autoritarismo; já os militantes libertários apresentam-se como defensores da idéia de que cada operário deve ser *“um consciente reivindicador de seus direitos”*, agindo *“não por determinação de um mentor qualquer, mas por deliberação de sua própria consciência e convicção”* (*“A Fúria do bonzo”*). O *A Democracia* utiliza exatamente a mesma contraposição, invertendo-a:

“(...) queremos que cada operário seja um consciente reivindicador de seus direitos, que saiba agir, não por determinação de uns reles insufladores de ódios, de uns promotores de desordens, mas por deliberação de suas próprias consciência e convicção (...) queremos que cada um seja um homem consciente agindo muito diversamente dos anarquistas que por aqui vivem a pregar uma coisa e fazer outra (...)” (*“O Yago e os demais da latrinaría Luta”*).

É interessante notar que muitos argumentos e imagens usados nas acusações são os mesmos de ambos os lados, circulando de um pólo ao outro, o que revela a existência de um repertório cultural comum, apesar das diferenças político-ideológicas. Por exemplo, tanto Costa como Gil são chamados de *D. Porfírio* (*“Os farsantes”* e *“Uma carta”*), provável referência ao ditador Porfírio Díaz que governou o México de 1876 a 1911, símbolo de autoritarismo.

Também são comuns epítetos denotando o gosto pela intriga e pela cizânia, acusação que deveria ter impacto em um meio no qual as frágeis organizações operárias ressentiam-se freqüentemente dos desentendimentos entre seus membros, que muitas vezes levavam ao seu desaparecimento. Assim, Gil é chamado de *“Yago”*, o célebre personagem de Shakespeare, que intriga Otelo, o *“Mouro de Veneza”*, com sua amada Desdêmona, acerca de uma suposta

traição desta. Em contrapartida, os anarquistas apelidaram Costa de “bonzo”, que pode significar dissimulado¹¹.

Ambos os contendores tratam-se igualmente como seres malignos e violentos, quase não humanos: o socialista Cavaco diz que “o anarquista é um ser propenso ao mal, sem a mínima inspiração para o bem”, com “idéias de extermínio”, prontos a sair “dos misteriosos covis onde habitam para morder traiçoeiramente as vítimas indefesas e descuidadas” (“Crônica”); e Carlos Macchi compara os libertários a “cães hidrófobos” (“Uma carta”). Já Costa é chamado de “perigoso réptil” (“A fúria do bonzo”), que destila sua “bile peçonhenta” sobre seus opositores (“Os farsantes”), tendo-lhes inclusive ameaçado de morte (“O bonzo socialista”).

Imagens bastante escatológicas também fazem parte do xingatório: o *A Luta* é chamado de “latrinaria” (“O Yago e os demais da latrinaria A Luta”), útil apenas como substituto do “water-closet-paper” (“Mais uma dos muckers”); e o *A Democracia* de “cloaca”, cuja “seção livre” pode ser comparada a um “cano de esgoto” (“Ao Xavier da Costa”).

Certas acusações revelam o moralismo existente de ambos os lados da disputa: os socialistas, por exemplo, atacavam as idéias neo-malthusianas defendidas pelo *A Luta*, afirmando que estas visavam a dissolução da família e sua “(...) substituição pelo concubinato, pelo amasiamento ou (...) pela amigação” (“Pelo dever”). Mariano Carbonell, por seu turno, diz que Costa é “sua panelinha”, “nos seus conciliábulos, muitas vezes na falta da cerveja, chegam a usar caninhas” (“Uma explicação”).

Por fim, um último recurso compartilhado por socialistas e anarquistas que gostaria de analisar diz respeito ao uso da ironia. Segundo WHITE (1995, p. 51),

“o alvo do enunciado irônico é afirmar tacitamente a negação do que no nível literal é afirmado positivamente, ou o inverso. Pressupõe que o leitor ou ouvinte já conhece, ou é capaz de reconhecer, a absurdez da caracterização da coisa designada (...)”.

Neste sentido, por exemplo, Gil fala das “justíssimas ambições de mando” de Costa (“Um conhecido”) e Michalski, referindo-se a este último, salienta a “honestidade do moralista amigo dos operários” (“O xefe”). O *A Democracia* também não economiza nas expressões irônicas: diz, entre outras coisas, que os anarquistas ensinam coisas “bonitas e puras” aos operários (“Pelo dever”) e exclama: “como seria encantador o regime anarquista (...)!” (“Os dinamitistas”). Obviamente que os autores destas palavras querem expressar exatamente o contrário do que escrevem e, para não deixarem dúvidas de seu sentido irônico, grifam-nas em itálico ou usam “sic” no final.

Outras acusações são mais específicas de cada contendor. Costa chama Gil de “misérrimo hebreu” e de “infeliz judeu errante” (“O Yago José Rey Gil”) e o compara a “outro hebreu que se chama Judas Iscariotes” (“Os dois gênios diretores da propaganda anarquista em Porto Alegre”). Tais expressões podem revelar não só um possível anti-semitismo do líder socialista, mas também a existência deste preconceito em certos meios operários¹².

Os anarquistas são igualmente chamados de “muckers”, estabelecendo uma associação daqueles com os membros do movimento messiânico ocorrido no Rio Grande do Sul entre 1868 e 1874, tidos como fanáticos e depravados por grande parte da população local (“Pelo dever” e “Mais uma dos muckers”)¹³.

¹¹ Em um conto intitulado “O segredo do bonzo”, Machado de Assis nos fornece mais algumas pistas para entender o significado do termo. Nele, o autor fala de um reino imaginário, Bungo, onde vivia um bonzo ou sacerdote chamado Pomada. Segundo ele, os pomadistas, seus seguidores, deveriam ser capazes de incutir nos outros homens a convicção de que possuíam qualidades que, na verdade, não possuíam, com a finalidade de obter honras e reconhecimento (ASSIS, 1989). Nada mais adequado, portanto, para definir a imagem de Costa que os anarquistas queriam construir.

¹² No *A Democracia*, encontramos outras expressões que denotam este anti-semitismo latente. Por exemplo: em um artigo, fala-se do “judaico egoísmo” do dono de uma fábrica de chapéus que explora seus operários (13/07/1907, p. 1).

¹³ São denominados “muckers” os integrantes de um movimento popular de cunho messiânico ocorrido na região do Ferrabrás, em São Leopoldo, um dos centros da colonização alemã no estado. A palavra “muckers” foi criada no momento da emergência do movimento pelos moradores da localidade, tanto católicos como protestantes, e significava “santarrões”, “beatos falsos”, “pessoas taciturnas” e “hipócritas”. (SCHUPP, 1993, p. 69). Segundo o *A Democracia*, os libertários manifestavam “(...) o mesmo fanatismo do velho Maurer [um dos líderes do movimento] a

Já os redatores do *A Luta* usam o adjetivo “jesuítico” para denegrir seus opositores¹⁴: Michalski diz que Costa apresenta um “*risinho jesuítico nos lábios roxos*” (“A fúria do bonzo”), movendo “*uma guerra infame e jesuítica*” contra seus companheiros (“Os farsantes”), além de fazer “*tudo quanto fizeram, em outros tempos, os jesuítas para impedir que os povos se libertassem da ignorância*” (“O xefe”). Este uso adjetivado e pejorativo do substantivo jesuíta é coerente com uma doutrina que tem no combate à religião uma de suas bandeiras principais, embora a associação jesuíta/dissimulado/enganador não seja prerrogativa dos anarquistas.

É interessante notar que, na troca de farpas, são invocados dois dos três grandes complôs que, segundo GIRARDET (1987, p. 16), marcaram o imaginário político do século XIX: o “*complô judeu*” e o “*complô jesuítico*” (o terceiro seria o “*complô maçônico*”¹⁵). As idéias de conquista e dominação do mundo, muito claras nos discursos atribuídos a jesuítas e judeus, levariam a ações conspiratórias, para as quais não há limites éticos ou políticos. A invocação do “*jesuitismo*” de Costa talvez fosse uma forma de neutralizar a carga negativa da imagem do “*judeu errante*”, por ele levantada contra Gil, pois “*só o complô parece frustrar o complô*”.

Os anarquistas também denunciavam o envolvimento de Costa com a “*política burguesa*”. Gil, por exemplo, afirma que o líder socialista havia tentado fundar um partido para eleger-se deputado, mas este “*morreu irremediavelmente*” apesar do auxílio de “*três potentados e endinheirados patronos*”. Crítica igualmente a atuação de Costa na greve de 1906, transcrevendo a avaliação do movimento, repleta de ironias, feita pelo jornal *Terra Livre* de São Paulo:

“Em meio, porém, do simpático movimento que se ia operando no seio do operariado, apareceram os ‘orientadores’ da última hora, prontos para fazerem discursos vários aos operários e conferências particulares com os patrões e com a polícia, a fim de ‘harmonizar’ os interesses de uns e de outros.

Depois de várias tentativas pelos ‘chefes’ do movimento a fim de ver se conseguiram readquirir o prestígio que sentiam perder tanto entre os operários como entre os burgueses, resolveram ‘aconselhar’ que os trabalhadores voltassem ao trabalho aceitando as 9 horas. E no manifesto que então publicaram davam como motivo de se não poder conseguir a jornada de 8 horas, os mesmos que os patrões e a imprensa assalariada pela burguesia alegavam: ‘debilidade’ da indústria nacional, o ‘prejuízo’ da coletividade, o perigo de falência dos industriais, caso concedessem as 8 horas, etc.” (“Um conhecido”).

O *A Democracia* é também chamado de “*futuro órgão da ‘Federação’*” (“O bonzo socialista”), referência ao jornal oficial do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), e Costa é acusado de denunciar os anarquistas à polícia e de ameaçá-los com a lei de expulsão dos estrangeiros (“A fúria do bonzo”). Estas acusações, bastante sérias em um movimento cuja identidade se constrói fundamentalmente por sua oposição à burguesia, talvez revelem alguns indícios da trajetória que levará à posterior adesão de Costa ao PRR, que dominava o poder estadual.

Porém, no meu entender, o principal argumento utilizado pelos redatores do *A Luta* para desqualificar Costa foi a associação deste com o passado, enquanto que os anarquistas se apresentavam como o “*novo*”. Logo no início da polêmica, o programa socialista é qualificado como “*velho e rotineiro*”, em contraposição ao anarquista: uma “*nova orientação*” para as lutas dos trabalhadores, que lhes descortina “*um horizonte mais vasto*” (“Os farsantes”), ou “*uma luz que ilumina novos caminhos à humanidade em marcha para um futuro melhor*” (“Um conhecido”). Já foi visto também, no relato autobiográfico de Gil, que este considerava sua passagem do socialismo para o anarquismo como uma “*evolução*”. Tal argumento é muito coerente com aquele contexto, no qual as idéias de evolução e de

pontificar, no Ferrabraz, a hediondez libertina da seita dos Muckers” (“Pelo dever”). Assim, o jornal socialista reproduzia um mito reinante em torno dos “*muckers*”, o de que eles foram libertinos. Segundo AMADO (1978, p. 289 e 281), o que de fato ocorreu com o grupo foi mais o contrário: a adoção de comportamentos rígidos e contidos (Ver também ARAVANIS, 1997, p. 144, nota 32).

¹⁴ A expressão aparece também nos artigos “Vária” e “O Yago e os demais da latrinaria Luta” do *A Democracia*, mas acredito que ela seja mais recorrente e significativa no discurso dos anarquistas.

¹⁵ A não invocação do “*complô maçônico*” pode sugerir o prestígio desta organização no meio operário porto-alegrense, já que tanto Costa como Gil a ela pertenceram. Mas esta é uma hipótese que ainda precisa ser verificada.

progresso tinham uma grande força simbólica, servindo como eixos explicativos da realidade. Assim, se não era possível negar a importância de Costa na organização do operariado porto-alegrense, fato ainda muito recente, a argumentação anarquista procurava reforçar a idéia de que esta era uma etapa ultrapassada, suplantada pelo progresso dos acontecimentos. O militante socialista, não percebendo esta evolução, mantinha suas “*aspirações de mando*” e, por isso, era qualificado nos artigos do *A Luta* como: “*pseudo-chefe*”, “*caricato chefe*”, “*pretensão chefe*”, “*chefe em declínio*”, etc. Neste sentido, tornava-se importante acentuar igualmente o isolamento de Costa no movimento operário: seus seguidores seriam apenas “*alguns ingênuos*” e “*outros de sua espécie*”, uma “*rodinha de ignorantes*” ou uma “*panelinha quase nula*” (“*A fúria do bonzo*”). Frente a tal situação, o único sentimento possível seria o de piedade: “*pobre bonzo!... Delira vendo aproximar-se o ocaso de sua trajetória no meio operário que por tantos anos iludiu e mistificou!*” (“*Variações do bonzo*”).

Concluindo... entre mortos e feridos

De fevereiro a abril de 1907, as páginas dos jornais *A Luta* e *A Democracia* transformaram-se em armas de um combate encarniçado: aquele travado entre anarquistas e socialistas em sua disputa pela liderança do movimento operário de Porto Alegre. Os ataques dirigiam-se sobretudo à honra dos opositores: de mau marido a louco, de “*jesuitismo*” a “*chefismo*”, de “*Yago*” a “*Bonzo*”... valia tudo neste duelo, muito diferente daqueles protagonizados por elegantes espadachins nos filmes de capa e espada.

Por um lado, Costa, depois de alguns fracassos políticos (como a tentativa frustrada de fundar um partido), procurava recuperar seu prestígio no movimento operário local, do qual fora um dos organizadores e principais líderes. De outro, os anarquistas, que haviam se projetado mais recentemente, buscavam ampliar sua influência junto aos trabalhadores. Para ambos, o “*inimigo*” representava não só um obstáculo para o avanço de suas idéias, mas a própria personificação da política que se queria atacar.

Quem foi o vencedor do duelo? É difícil avaliar, pois, ao contrário dos nossos polemistas, não entendo a história como uma grande luta do bem contra o mal, mas como um processo que comporta múltiplas percepções e ações dos sujeitos da e na realidade. Neste campo de possibilidades, os personagens analisados seguiram trajetórias bem diferenciadas.

Os anarquistas passaram a ter um espaço cada vez mais significativo no movimento operário, culminando com sua vitória nas eleições de 1911 para a direção da FORGS. O *A Luta* continuou sendo publicado pelo menos até 1918, e seus redatores ocuparam, por muito tempo, postos importantes nas organizações operárias da capital. Michalski, por exemplo, ainda nos anos 40, aparece como dirigente do Sindicato dos Alfaiates, empenhado na criação de uma cooperativa para sua categoria.

Xavier da Costa, por seu turno, fundou outro jornal socialista em 1908 - o *Avante!* -, que substituiu o *A Democracia*. Sua progressiva aproximação com o poder estadual, tão denunciada pelos anarquistas, oficializou-se em 1912, com sua eleição para o cargo de conselheiro municipal pelo PRR, no qual permaneceu até 1930. Neste período, participou de várias sociedades operárias, com a finalidade de arregimentar os trabalhadores para a política governista. Com o fechamento dos conselhos municipais em 1930, passou a integrar o Conselho Consultivo do Estado e, no ano seguinte, fundou o Conselho Consultivo dos Trabalhadores de Porto Alegre, composto por um representante de cada associação operária, visando a unificação do proletariado metropolitano.

Cavaco, o grande aliado de Costa, continuou militando no movimento operário, escrevendo em jornais e fundando organizações de duração efêmera como o Partido Socialista de Porto Alegre (1908) e a Confederação Geral dos Trabalhadores (1911). Posteriormente, apoiou a ascensão de Vargas ao poder em 1930, passando a ocupar diversos cargos no Ministério do Trabalho¹⁶.

Portanto, esta história não se encerra com vencedores e vencidos, mas com novas histórias e novos caminhos, nos quais outros duelos serão travados. Nestes, a palavra continuou a ser uma arma sempre pronta a ser sacada. “*Touché!*”

Referências bibliográficas

¹⁶ Estas trajetórias não deixam de ser coerentes com os posicionamentos político-ideológicos dos personagens: os socialistas sempre defenderam a necessidade da conquista do poder político como forma de obter ganhos para os trabalhadores, enquanto que uma das bases do pensamento anarquista é justamente a recusa deste poder.

- AMADO, Janaina. *Conflito Social no Brasil: a revolta dos "muckers"*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- ARAVANIS, Evangelia. *Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico "A Luta" e o seu desejo de mudar o rumo da História em Porto Alegre (1906-1907)*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado em História.
- ASSIS, Machado de. "O segredo do bonzo". In: _____. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1989.
- CAGGIANI, Ivo. *Carlos Cavaco: a vida quixotesca do tribuno popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.
- CHARTIER, Roger. "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, nº 13, 1994.
- FERNANDES, Suzete Bezerra. *O movimento operário na Primeira República: a atuação de Astrogildo Pereira*. São Paulo: PUCSP, 1989. Dissertação de Mestrado em História. 2 v.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. *Comunicação e militância: a imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Porto Alegre: PUCRS, 1990. Dissertação de Mestrado em História.
- MARÇAL, J. B. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.
- MARÇAL, J. B. "Francisco Xavier da Costa, Patriarca do Socialismo no RGS". *A Luta: órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro/RS*. Porto Alegre, nº 46, junho de 1996, p. 5.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PETERSEN, S. R. F. *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul, 1874-1940*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS-FAPERGS, 1989.
- PETERSEN, S. R. F. *O papel dos intelectuais na etapa de formação do movimento operário gaúcho (das origens a 1930)*. Porto Alegre, texto mimeo., s/d.
- PETERSEN, S. R. F. "... que a União Operária seja a nossa Pátria!" (a história dos operários gaúchos contada desde a perspectiva das lutas para construir suas organizações). Porto Alegre, Relatório de pesquisa mimeo. enviado ao CNPq, 1998.
- PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, Maria Elizabeth Lucas. *Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS-Tchê!, 1992.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Dissertação de Mestrado em História.
- SCHUPP, Ambrósio. *Os muckers: a tragédia histórica do Ferrabrás*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. "A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925)". *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. XXII, nº 2, 1996.
- SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. "O herói no movimento operário". In: FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Claudio P. (orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1998.
- SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995.

FONTES DOCUMENTAIS

A DEMOCRACIA, 1907.

GAZETINHA, 1898-9.

A LUTA, 1907.

ABSTRACT: The article analyses a polemic that happened in 1907 between the representants of the two most important tendencies of the working class movement of Porto Alegre: the socialists, leded by Francisco Xavier da Costa, and the anarchists, leded by Stefan Michalski and José Rey Gil. It tries to analyse the argumentation used by each side to construct itself like the "positive side" of the debate and to attack the adversaries.

KEY-WORDS: Socialists – Anarchists – Polemics.